

Personalidade de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão sistemática da literatura

Personality of women victimized by domestic violence: A systematic review

Samantha Dubugras Sá, Blanca Susana Guevara Werlang

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Psicologia. Av. Ipiranga, 6681, Prédio 11, 8º andar, 90619-900, Porto Alegre, RS, Brasil. samantha.sa@pucrs.br, bwerlang@pucrs.br

Resumo. O presente artigo trata de uma revisão sistemática da literatura com o objetivo de realizar um levantamento da produção bibliográfica nacional e internacional indexada nas bases de dados *MedLine*, *PsycINFO*, *Lilacs* e *ProQuest*, publicadas de 2000 a 2012, relacionada às características de personalidade de mulheres vítimas de violência doméstica. A avaliação dos dados encontrados foi realizada a partir da identificação de 10 dimensões de análise, a saber: (i) base de dados; (ii) ano da publicação; (iii) fonte (periódico); (iv) modalidade de produção científica; (v) delineamento da pesquisa; (vi) local do estudo; (vii) número da amostra; (viii) objetivo do estudo; (ix) instrumentos utilizados (x) principais resultados. Resultados: foram encontradas apenas sete publicações que tratavam efetivamente de algum aspecto da personalidade das mulheres vítimas de violência doméstica, sendo que nenhum dos estudos foi realizado no Brasil. Todos se referem a estudos empíricos oriundos de trabalhos de pesquisa quantitativa. Os resultados dos artigos analisados sugerem que existe uma interação entre determinados estilos de personalidade, que tornam algumas mulheres mais propensas a se envolverem em experiências de violência.

Palavras-chave: violência doméstica contra a mulher, personalidade, revisão sistemática.

Abstract. This paper is a systematic review of the literature aiming to systematically evaluate the bibliographic production indexed in the databases Medline, PsycINFO, Lilacs and ProQuest published from 2000 to 2012 related to the personality characteristics of women victimized by domestic violence. The evaluation of the investigated data was performed based on 10 dimensions of analysis, namely: (i) database, (ii) year of publication, (iii) source (journal), (iv) type of scientific production; (v) research planning, (vi) place of the study, (vii) sample size, (viii) purpose of the study, (ix) kind of instruments, and (x) main results. Results: only seven publications which dealt effectively with some aspect of the personality of women victimized by domestic violence were found and none of these studies was conducted in Brazil. All of the related cases refer to empirical studies derived from quantitative research papers. The results of the analyzed studies suggest that there is an interaction between certain personality styles that make some women more likely to engage in violence experiences.

Key words: domestic violence against women, personality, systematic review.

Introdução

Não há país ou comunidade a salvo da violência. Embora a violência sempre tenha feito parte da história, na atualidade, seu crescimento desenfreado coloca-a como uma das principais causas de óbito em todo o mundo. Esse fenômeno faz parte das relações humanas e sociais, em que estão em jogo dominações e interesses alcançados por meio do uso da força, da ameaça e/ou de agressões, sejam elas simbólicas ou de confrontação física (Souza *et al.*, 2001; Souza *et al.*, 2002). A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera que há uma relação clara entre a intenção do indivíduo que apresenta ou se envolve num comportamento violento e o ato ou ação praticada (OMS, 2006). Nesse sentido, Dahlberg e Krug (2003) e Krug *et al.* (2003) lembram que a OMS define a violência como o uso intencional de força ou de poder físico, de fato ou como ameaça, contra si mesmo, outra pessoa ou grupo ou comunidade que cause ou tenha muita probabilidade de causar lesões, morte, danos psicológicos, transtornos de desenvolvimento ou privações.

Dentre todos os tipos de violência, a praticada contra a mulher no ambiente familiar é uma das mais cruéis e perversas. O lar, ambiente que deveria ser acolhedor, passa a ser, nestes casos, um ambiente de perigo contínuo que resulta num estado de medo e ansiedade permanentes. A violência doméstica é definida como qualquer tipo de abuso físico, sexual ou emocional perpetrado por um parceiro contra o outro em um relacionamento íntimo passado ou atual (Zilberman e Blume, 2005; Kronbauer e Meneghel, 2005). A realidade é complexa, uma vez que, para a ocorrência da violência doméstica contra a mulher, estão envolvidos, entre outros fatores, questões culturais, sociais e pessoais.

As Nações Unidas definem violência contra a mulher como: “qualquer ato de violência baseado na diferença de gênero, que resulte em sofrimentos e danos físicos, sexuais e psicológicos à mulher; inclusive ameaças de tais atos, coerção e privação da liberdade sejam na vida pública ou privada” (Conselho Social e Econômico das Nações Unidas, 1992). A violência contra a mulher é um fenômeno de grande magnitude, motivo pelo qual tem sido considerada como um problema de saúde pública e como uma questão de violação dos direitos humanos (Joachim, 2000; Campbell, 2002; Heru, 2007; Schraiber e d’Oliveira, 2008)

tanto por sua elevada incidência, como pela gravidade das consequências negativas para as vítimas e para seus familiares. Está presente no mundo todo, não respeita fronteiras de classe social, raça/etnia, religião, idade ou grau de escolaridade. O local da violência é predominantemente no âmbito familiar, uma vez que a chance de uma mulher ser agredida por seu parceiro ou ex-parceiro é muitas vezes maior do que a de sofrer alguma violência por desconhecidos (Deslandes *et al.*, 2000; Amaral *et al.*, 2001; Heise e Garcia-Moreno, 2002; Watts e Zimmerman, 2002; Scharaiber *et al.*, 2007a).

Frequentemente, os casais que se envolvem em violência doméstica formam vínculos patológicos que se retroalimentam em uma progressiva onda de violência em que coexistem o ódio e o rancor. A dinâmica agressor/vítima cumpre um importante papel nesses casos. Porém, a patologia de um dos cônjuges pode ser amplamente predominante, e o sentimento de uma catástrofe interna, que pode ser vivenciada frente à possível perda do objeto “amado”, pode levar o indivíduo a utilizar como defesa atos intimidatórios, agressões verbais e físicas evoluindo, muitas vezes, até o homicídio (Chan, 2004).

Sabe-se que a violência perpetrada pelo parceiro íntimo oscila entre 4 a 23% até valores em torno de 33 a 39% quando considerada a violência no período total de vida dessas mulheres (Krug *et al.*, 2003). A violência contra a mulher tem sido estimada pela Organização Mundial da Saúde como responsável por 5 a 20% dos anos de vida saudáveis perdidos em mulheres de 15 a 44 anos (OMS, 2006). De acordo com Adeodato *et al.* (2005), no mundo, a violência doméstica é responsável por um em cada cinco dias de absenteísmo no trabalho. Afirmam esses autores, também, que, nos Estados Unidos, um terço das internações de mulheres em unidades de emergência é consequência de agressões sofridas em casa, e, na América Latina, a violência doméstica incide sobre 25% a 50% das mulheres. Sobre a realidade brasileira, os mesmos autores asseveram que o Brasil é o país com os maiores índices de violência doméstica, pois 23% das mulheres estão sujeitas à violência doméstica, estimando que, a cada quatro minutos, uma mulher sofre agressão, e, em 85,5% dos casos de violência física contra mulheres, os agressores são seus parceiros. O maltrato doméstico tende a ser crônico, ocorre desde o início da relação e, em média, as mulheres permanecem sofrendo a violência durante um período não

inferior a 10 anos até que resolvam buscar algum tipo de ajuda (Echeburúa e Corral, 2006).

Embora constantemente ocorram simultaneamente, para caracterizar os tipos de violência doméstica, podem-se considerar três grandes categorias de acordo com o tipo de conduta do agressor: (i) violência física: qualquer conduta intencional que acarrete lesão física, dano ou dor - é a mais evidente e mais fácil de identificar- (ii) sexual: qualquer intimidade forçada, seja com ameaças, intimidação ou coação, incluindo todo o tipo de conduta de caráter sexual, sem limitar-se à penetração; e (iii) psicológica: qualquer conduta física ou verbal que possa produzir, na vítima, intimidação, desvalorização, sentimentos de culpa ou sofrimento - é o tipo de violência mais difícil de identificar do ponto de vista social por não deixar marcas aparentes (Labrador *et al.*, 2005). Pesquisas sugerem que a violência física comumente é acompanhada pela psicológica e que, na metade dos casos, também por violência sexual (Ellsberg *et al.*, 2000; Heise e Garcia-Moreno, 2002; Kronbauer e Meneghel, 2005).

Nas últimas décadas, tem ocorrido um aumento importante dos estudos sobre a violência contra a mulher perpetrada por seus parceiros íntimos. Isso tem acontecido por conta do reconhecimento da dimensão do fenômeno como um grave problema de saúde pública, por sua alta incidência e pelas consequências que causa à saúde física e psicológica das vítimas (Dahlberg e Krug, 2003). Entretanto, pesquisas nacionais e internacionais que tratam sobre a temática da violência doméstica contra a mulher, grande parte das vezes, abarcam questões relacionadas ao tipo de agressão sofrida (física, psicológica e/ou sexual) e, algumas, sobre as consequências físicas e psicológicas advindas da situação de violência. É comum encontrarmos estudos que buscam investigar as características ou os traços da personalidade dos homens que agredem as suas mulheres (Edwards *et al.*, 2003; Lorber e O'Leary, 2004; Goldenson *et al.*, 2007), mas raros são os que tratam de questões relacionadas à personalidade das mulheres vítimas (Pérez-Testor *et al.*, 2007; Pico-Alfonso *et al.*, 2008).

Levando-se em consideração que o advento da violência doméstica contra a mulher ocorre no mundo todo, que suas estatísticas são alarmantes, elencando-a como um problema de saúde pública, acredita-se que devam existir determinadas características de personalidade que tornam algumas mulheres, vítimas dos seus parceiros íntimos, mais vulneráveis a se

envolverem em situações abusivas. Assim, a preocupação que norteia esta revisão sistemática da literatura em contextos nacionais e internacionais é a busca de estudos que permitam uma maior compreensão sobre quem são essas mulheres que acabam por se tornar suscetíveis à violência dentro dos seus próprios lares, com a finalidade de embasar futuros trabalhos na temática da violência doméstica contra a mulher.

Método

Estratégias de busca das referências

Para atender ao objetivo estabelecido, foi realizada uma revisão sistemática da literatura através do levantamento das produções científicas referentes ao cruzamento dos descritores “violência doméstica” (*domestic violence*) e “mulher” (*woman*); “violência doméstica” (*domestic violence*) e “mulher maltratada” (*battered woman*); e “mulher maltratada” (*battered woman*) e “personalidade” (*personality*) e do operador booleano “e” (*and*) nos anos de 2000 a 2012 nas bases de dados *MedLine* (United States National Library of Medicine – *NLM*), *PsycINFO* (American Psychological Association – *APA*), *Lilacs* (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e *ProQuest* (Central: Psychology Journals e Medical Library). As bases de dados foram configuradas para localizar as referências que apresentavam os descritores supramencionados entre as palavras-chave e/ou no resumo. Esse método foi adotado para viabilizar um alcance de resultados mais precisos do que os que poderiam ser encontrados caso não houvesse tais especificações. Optou-se pelo emprego dos descritores mencionados levando-se em consideração que são reconhecidos pelas bases de dados pesquisadas e utilizados de forma corrente na literatura científica especializada.

Procedimentos para seleção e apreciação das referências

O primeiro cruzamento dos descritores “violência doméstica” (*domestic violence*) e “mulher” (*woman*) resultou, como já era esperado, em mais de dez mil publicações; para o segundo cruzamento, das palavras “violência doméstica” (*domestic violence*) e “mulher maltratada” (*battered woman*), foram identificadas mais de quinhentas referências e, no terceiro,

com os descritores “mulher maltratada” (*battered woman*) e “personalidade” (*personality*) esse número ficou reduzido a 31 artigos científicos. O diagrama representado na Figura 1 sintetiza os passos realizados na busca de estudos de interesse para esta revisão sistemática.

A análise para esta seção focou-se nas 31 publicações oriundas do terceiro cruzamento, principal foco da presente revisão sistemática. Primeiramente, foram identificados e exami-

nados os títulos e a autoria de todas as referências obtidas, objetivando eliminar eventuais repetições. A seguir, foi feita uma leitura preliminar de todos os *abstracts* dos artigos publicados em periódicos indexados, cujo objetivo foi avaliar se o material era pertinente a esta revisão sistemática da literatura. Foram consideradas somente as referências que tratavam de algum aspecto da personalidade de mulheres maltratadas. As referências selecionadas

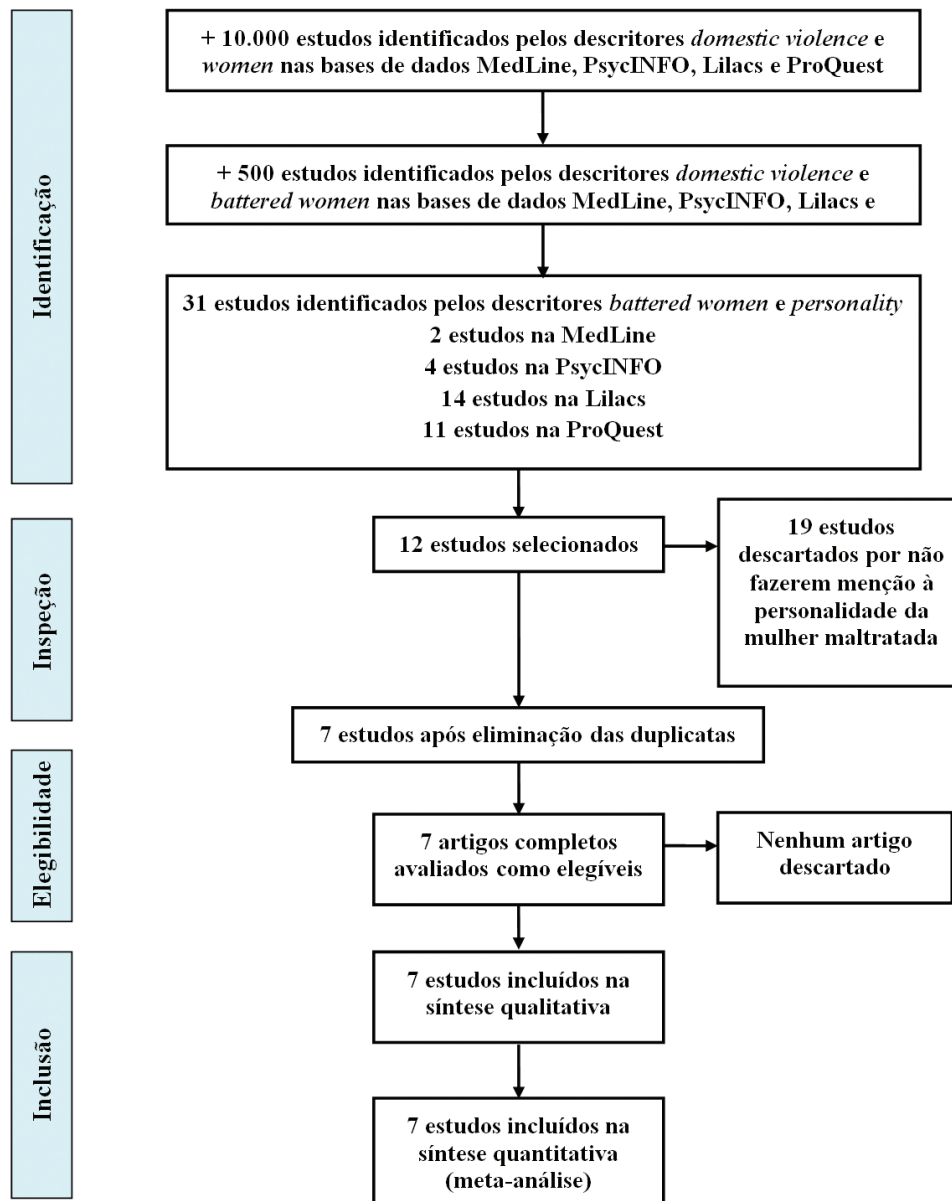


Figura 1. Sequência de passos realizada na busca de estudos indexados nas bases MedLine, PsycINFO, Lilacs e ProQuest.

Figure 1. Sequence of steps performed in the pursuit of indexed studies in databases MedLine, PsycINFO, Lilacs and ProQuest.

foram obtidas na íntegra (artigos completos) e submetidas a uma apreciação analítica de cada uma delas, visando a uma análise mais detalhada dos delineamentos de pesquisa empregados nessas produções. A avaliação dos dados encontrados foi realizada a partir da identificação de 10 dimensões de análise, a saber: (i) base de dados; (ii) ano da publicação; (iii) fonte (periódico); (iv) modalidade de produção científica; (v) delineamento da pesquisa; (vi) local do estudo; (vii) número da amostra; (viii) objetivo do estudo; (ix) instrumentos utilizados (x) principais resultados.

Resultados

Primeiramente, é importante salientar que a produção científica sobre a temática da violência doméstica é muito vasta (mais de dez mil). Porém, quando se procuram pesquisas

sobre as características de personalidade das vítimas, a quantidade de estudos é mínima, pois as buscas possibilitaram a localização de 31 *abstracts*. Ainda verificou-se que 19 estudos não faziam menção a qualquer aspecto da personalidade de mulheres maltratadas, diminuindo os achados para 12 publicações. Todas as produções localizadas são artigos científicos; não se encontrou nenhum capítulo de livro, dissertação ou tese. Conforme as bases de dados computadorizadas, foram então selecionados 12 *abstracts*, destes, 1 estava no sistema *MedLine*, 3, no *PsycINFO*, 2, no *Lilacs* e 6, no *ProQuest*.

A checagem do título e da autoria dos trabalhos inicialmente obtidos apontou que cinco referências apareceram catalogadas em mais de um sistema, o que reduziu o número total de achados para 7, pois as repetições foram automaticamente descartadas. O título de cada

Tabela 1. Informações apresentadas nas dimensões de análise: ano de publicação, autores, título das referências selecionadas e título do periódico (n=7).

Table 1. Presented information in the analysis dimensions: year of publication, author, title of the selected references and journal title (n=7).

Ano	Autores	Título	Título do periódico
2002	Coolidge, F.L.; Anderson, L.W.	Personality profiles of women in multiple abusive relationships	Journal of Family Violence
2005	Sharhabani-Arzy, R.; Amir, M.; Swisa, A.	Self-criticism, dependency and posttraumatic stress disorder among a female group of help-seeking victims of domestic violence in Israel	Personality and Individual Differences
2007	Sansone, R. A.; Reddington, A.; SKY, K.; Wiederman, M. W.	Borderline personality symptomatology and history of domestic violence among women in an internal medicine setting	Violence and Victims
2007	Hernández, R.P.; Berná, F.J.C.; Gras, R.M.	Depresión en mujeres maltratadas: Relaciones con estilos de personalidad, variables contextuales y de la situación de violencia	Anales de Psicología
2007	Pérez-Testor, C.; Castillo, J.A.; Davins, M.; Salamero, M.; San-Martino, M.	Personality profiles in a group of battered women: Clinical and care implications	Journal of Family Violence
2008	Pico-Alfonso, M. A.; Echeburúa, E.; Martinez, M.	Personality disorder symptoms in women as a result of chronic intimate partner violence	Journal of Family Violence
2010	Estrellado, A.F.	Assessing the personality profile of battered women	The Assessment Handbook

uma dessas 7 referências, bem como o título do periódico em que foram publicadas, encontra-se reproduzido na Tabela 1 por ordem do ano da publicação.

Analisando o texto completo dos sete artigos localizados sobre os recursos metodológicos utilizados no que diz respeito à modalidade de produção científica, os sete estudos apresentam dados empíricos oriundos de trabalhos de pesquisa quantitativos. Cabe destacar, de acordo com os dados da Tabela 2, que nenhum estudo que envolvesse aspectos da personalidade de mulheres vítimas de violência nos últimos doze anos foi realizado no Brasil. Das sete pesquisas localizadas, três foram efetivadas na Espanha, duas nos Estados Unidos, uma em Israel e outra nas Filipinas. Quanto aos objetivos, estes foram variados, pois, embora quatro trabalhos (57,1%) tenham buscado avaliar especificamente os perfis de personalidade das mulheres maltratadas, uma pesquisa avaliou se existe associação entre características de personalidade e sintomas de Transtorno de Estresse Pós-Traumático em mulheres vítimas de violência doméstica; um trabalho investigou se há relação entre a gravidade da violência sofrida por mulheres maltratadas e o Transtorno de Personalidade Borderline; outro analisou a contribuição de variáveis de personalidade no impacto psicológico causado pelos maus-tratos e, também, visou a identificar os estilos de personalidade que se associam a um maior nível de sintomatologia depressiva.

O número da amostra dos sete estudos variou bastante, desde apenas 18 mulheres, até amostras maiores, com 182 vítimas de maus-tratos domésticos. Somente uma pesquisa utilizou grupo-controle e, também, visou a comparar dois grupos de mulheres maltratadas (um com a vivência de múltiplas relações abusivas e outro com uma relação abusiva).

Nos sete trabalhos, foi ministrada uma ficha de dados sociodemográficos. Já para a avaliação das características de personalidade, cabe destacar que três das quatro pesquisas que objetivaram delinear o perfil das mulheres maltratadas e, também, a investigação que analisou a relação entre o perfil de personalidade com níveis de depressão, utilizaram o *Millon Clinical Multiaxial Inventory* (MCMI), sendo que, em uma, foi aplicada a primeira versão do instrumento e, nas outras três, a segunda versão do inventário. O MCMI é um inventário de autorrelato composto por 175 itens com respostas de duas opções: verdadei-

ro ou falso, devendo o sujeito determinar se o conteúdo dos itens lhe é aplicável ou não. Tem como objetivo mensurar estilos de personalidade – transtornos de personalidade (Eixo II) e síndromes clínicas (Eixo I) – classificadas no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders Third Edition- DSM-III-R* (Hernández *et al.*, 2007; Pérez-Testor *et al.*, 2007; Pico-Alfonso *et al.*, 2008; Estrellado, 2010).

No outro estudo que também visou a mensurar o perfil de personalidade das vítimas, foi aplicado o CATI que, como o MCMI, é um inventário de autorrelato, mas composto por 225 itens, designado para avaliar Transtornos de Personalidade Passivo-Agressiva e Depressiva (Eixo II), Transtorno de Ansiedade Generalizada e Transtorno Depressivo Maior (Eixo I) classificados no DSM-IV, e uma escala de desajuste com 71 itens (Coolidge e Anderson, 2002). Dos dois estudos restantes, um utilizou o *Depressive Experiences Questionnaire* – DEQ para avaliar os estilos de personalidade das mulheres maltratadas e o outro aplicou o *Borderline Personality Disorder Scale of the Personality Diagnostic Questionnaire-4* - PDQ-4. O DEQ é um instrumento constituído por 66 itens, contendo afirmações sobre sentimentos e experiências relacionadas à própria pessoa e às suas relações interpessoais. Assume um formato do tipo *Likert*, com sete alternativas de resposta: de 0 = “discordo totalmente” a 7 = “concordo totalmente” (Sharhabani-Arzy *et al.*, 2005). Já o PDQ-4 é questionário de autorrelato composto por 9 itens para os quais a pessoa responde “sim” ou “não”; se a pontuação das respostas “sim” for ≥ 5 , sugere Transtorno Borderline de Personalidade (Sansone *et al.*, 2007).

Com a utilização desses instrumentos, sobre os principais achados acerca dos perfis/das características de personalidade, os resultados das sete pesquisas foram bastante semelhantes, sendo que predominaram estilos de personalidade *borderline*, dependente e esquizóide. Os autores, a partir desses dados, sugerem que existe uma interação entre determinados estilos de personalidade, que tornam algumas mulheres mais propensas a se envolverem em experiências de violência (Coolidge e Anderson, 2002; Sharhabani-Arzy *et al.*, 2005; Sansone *et al.*, 2007; Hernández *et al.*, 2007; Pérez-Testor *et al.*, 2007; Pico-Alfonso *et al.*, 2008; Estrellado, 2010). Outras características também evidenciadas nas mulheres maltratadas dizem respeito à sintomatologia depressiva e de estresse pós-traumático decorrentes da violência sofrida, que foi mencionada em seis estudos (Tabela 2).

Tabela 2. Principais características dos estudos selecionados, a partir das dimensões de análise: local do estudo, número da amostra, objetivo do estudo, instrumentos utilizados e principais resultados (n=7).

Table 2. Main characteristics of the selected studies, from the dimensions of analysis: the study site, sample number, purpose of the study, instruments used and main results (n=7).

Local do Estudo	Nº da Amostra	Objetivo	Instrumentos	Principais achados (perfis/características de personalidade)
Colorado (EUA)	127 (42 mulheres com relações múltiplas de maus tratos; 33 com única relação de maus tratos e 52 de grupo controle)	Avaliar perfil de personalidade	Ficha de dados, CATI (Coolidge Axis II Inventory)	Autodestrutiva, Dependente, Paranóide, TEPT**, Depressão
Negev (Israel)	19*	Avaliar estilos de personalidade, dependência, autocrítica e intensidade de TEPT**	Ficha de dados, PTSD**, scale for family violence, DEQ (Depressive Experiences Questionnaire)	Autocrítica, Dependente, TEPT**, Depressão
Ohio (EUA)	52*	Avaliar se mulheres com TBP*** são mais vulneráveis a serem vítimas de violência doméstica	Ficha de dados, PDQ-4 (Borderline Personality Disorder Scale of the Personality Diagnostic Questionnaire-4), SHI (Self-Harm Inventory), SVAWS (Severity of Violence Against Women Scale)	Borderline, TEPT**
Alicante e Murcia (Espanha)	105*	Avaliar a relação entre estilos de personalidade, depressão e variáveis contextuais em mulheres vítimas de violência doméstica	Ficha de dados, BDI (Beck Depression Inventory), MCMI-I (Millon Clinical Multiaxial Inventory I)	Pessimismo, Indecisão, Submissão, Depressão
Barcelona (Espanha)	18*	Avaliar perfil de personalidade	Ficha de dados, MCMI-II (Millon Clinical Multiaxial Inventory II), DAS (Dyadic Adjustment Scale)	Esquizóide, Dependente, Esquiva, Borderline, Paranóide, Depressão
Valencia (Espanha)	182*	Avaliar perfil de personalidade	Ficha de dados, Questionário sobre o tipo de violência, MCMI-II (Millon Clinical Multiaxial Inventory II)	Esquizóide, Esquiva, Agressiva (sádica), Passivo-Agressiva, Borderline, Paranóide
San Juan (Filipinas)	20*	Avaliar perfil de personalidade	Ficha de dados, MCMI-II (Millon Clinical Multiaxial Inventory II)	Esquizóide, Esquiva, Autodestrutiva, Ansiedade, Depressão

Notas: (*) Mulheres vítimas de violência doméstica perpetrada por parceiro íntimo; (**) Transtorno de Estresse Pós-Traumático; (***) Transtorno Borderline de Personalidade.

É interessante observar que muitas das características sociodemográficas das mulheres vítimas, nas sete publicações analisadas, são similares às dos dados encontrados em outras pesquisas quanto ao perfil dessas mulheres, principalmente no que se refere às variáveis de idade, escolaridade, número de filhos e situação ocupacional. Registra-se, assim, que são mulheres jovens com, no máximo, 8 anos de estudo, com filhos e que trabalham (Amor e Bohórquez, 2002; Adeodato *et al.*, 2005; Meadows *et al.*, 2005; Scharaiber *et al.*, 2007b; Leiner *et al.*, 2008), embora o fato de possuir uma ocupação devesse ser um fator protetivo contra a violência doméstica.

Discussão

Em doze anos, de 2000 a 2012, foram publicados sete artigos em termos de produção científica catalogada em bases de dados computadorizadas sobre os aspectos da personalidade de mulheres vítimas da violência doméstica. Isso mostra que o interesse sobre o tema em questão ainda é singelo se comparado à literatura dedicada à violência doméstica contra a mulher como um todo, em que as pesquisas e as publicações são vastas. A grande maioria dos estudos relacionados à violência doméstica contra a mulher costuma abordar questões como dados epidemiológicos, o tipo de violência sofrida - física, psicológica e/ou sexual, a caracterização sociodemográfica das mulheres maltratadas (Schraiber e d'Oliveira, 1999; Jong, 2000; Tavares, 2000; Schraiber *et al.*, 2007b) e as características de personalidade dos agressores (Edwards *et al.*, 2003; Gondolf, 2003; Lorber e O'Leary, 2004; Goldenson *et al.*, 2007).

Levando-se em consideração a análise dos *abstracts* e os textos completos dos artigos, foi possível observar que tanto os estilos de personalidade como a sintomatologia decorrente da vivência de violência encontrado nos estudos localizados, apresentam resultados muito semelhantes independente do local em que a pesquisa foi realizada, ou seja, em diferentes contextos e em culturas diversas, as características das mulheres maltratadas são bastante parecidas. Esse fato aumenta a confiança de que os resultados de pesquisas realizadas em um determinado local possam ser aplicados a outros e também sugere um possível perfil dessas mulheres que se envolvem em relações abusivas.

Quanto aos bancos de dados computadorizados, não é de estranhar que a maioria dos *abstracts* (50%) esteja catalogada no sistema

ProQuest, pois é um indexador que contempla periódicos das áreas da Medicina e também da Psicologia, constituindo, portanto, um sistema bastante expressivo nessas disciplinas. A Espanha é o país que, aparentemente, mais estuda as questões relacionadas à violência doméstica contra a mulher, embora o local de eleição do periódico escolhido para a publicação (seis dos sete artigos) seja os Estados Unidos. Isso provavelmente pode estar relacionado ao fato de as iniciativas públicas e privadas da Espanha propiciarem maiores incentivos às pesquisas nessa área, além da sua preocupação com a questão da violência de gênero no seu país. Já a escolha de revistas americanas é pertinente devido a sua notoriedade e a sua respeitabilidade no meio científico. O *Journal of Family Violence*, por exemplo, é um periódico que possui um grande número de publicações sobre as questões relacionadas à violência no âmbito familiar.

A avaliação desta revisão sistemática da literatura e dos 7 artigos localizados, de acordo com as dez dimensões de análise empregadas (base de dados, ano da publicação, fonte (periódico), modalidade de produção científica, delineamento da pesquisa, local do estudo, número da amostra, objetivo do estudo, instrumentos utilizados e principais resultados), permite algumas conclusões: a violência doméstica contra a mulher é amplamente estudada, existindo um número imenso de publicações acerca do assunto. Esse dado pode ser observado tanto pelo cruzamento das palavras "violência doméstica" (*domestic violence*) e "mulher" (*woman*); "violência doméstica" (*domestic violence*) e "mulher maltratada" (*battered woman*), quanto pelas referências bibliográficas dos sete artigos analisados. Já com respeito à personalidade das vítimas, os estudos são poucos e, no Brasil, não se verificou nenhum estudo.

As pesquisas realizadas são estudos empíricos, sendo utilizados para tal, unicamente, técnicas psicométricas, embora as técnicas projetivas para avaliação da personalidade sejam nacional e internacionalmente reconhecidas (Exner e Sendin, 1999; Anastasi e Urbina, 2000; Cunha, 2002). Chama atenção que o principal instrumento utilizado (em metade dos estudos localizados), o MCMI, seja um instrumento baseado nos critérios diagnósticos do DSM-III-R, sendo que existe uma versão mais recente do manual, o DSM-IV-TR (APA, 2003), e que o DSM-V já se encontra publicado nos Estados Unidos (APA, 2013). Pico-Alfonso *et al.* (2008) revelam que já existe disponível

a terceira versão do MCMI, fundamentada no DSM-IV-TR, mas que carece de validação. Ainda, no que diz respeito aos métodos projetivos, por se tratar de instrumentos compostos por estímulos mais ambíguos e pouco estruturados, o indivíduo pode interpretar o material oferecido a partir do que percebe, propiciando a emergência dos aspectos do seu funcionamento psicológico. Dessa forma, é possível abarcar a personalidade como um todo, sendo que esses instrumentos se diferenciam por sua efetividade em revelar aspectos encobertos e latentes da personalidade (Anastasi e Urbina, 2000; Cunha, 2002). Por isso, conclui-se que são excelentes instrumentos a serem utilizados em trabalhos futuros para perscrutar as características das mulheres maltratadas.

Observa-se que as características de personalidade das mulheres vítimas de violência doméstica perpetrada por seus parceiros íntimos nas pesquisas analisadas indicam traços *borderline*, dependente e esquizoide, ainda que elas apresentem sintomas de depressão, desesperança, estresse pós-traumático e tendências autodestrutivas. Isso sugere que determinados traços são comuns às mulheres maltratadas e podem predispor-las a “escolhas” conjugais nocivas, mas esse achado também pode ser entendido de outra forma se levarmos em consideração alguns estudiosos da violência doméstica contra a mulher (Back *et al.*, 1982; Walker, 1991; Coolidge e Anderson, 2002; Gomes *et al.*, 2012) quando mencionam que mulheres que vivenciam relacionamentos abusivos podem adotar características de transtornos de personalidade como um meio de adaptação à situação, ou mesmo como uma forma de sobreviver a ela.

Nenhum dos estudos localizados buscou determinar uma relação de causa-efeito para esse impasse. A partir disso, há a possibilidade de ambas as posições estarem corretas em parte, pois algumas mulheres podem apresentar transtornos ou características anteriores à situação de violência, resultando no envolvimento dessas em relações nocivas e outras mulheres talvez possam adotar essas características em resposta a seus parceiros violentos a fim de se adaptar e sobreviver.

Em considerações derradeiras é preciso que se diga que não é fácil compreender como um indivíduo, seja por dificuldades pessoais ou por fazer uso de álcool ou drogas, é capaz de maltratar física, sexual ou psicologicamente a pessoa que escolheu para constituir uma família (Sá, 2011); mais difícil ainda de enten-

der é o que faz com que as mulheres, vítimas de seus parceiros, permaneçam nessa situação abusiva, muitas vezes, correndo risco de morte. Parece que existem algumas características comuns às vítimas que podem levá-las à situação de violência conjugal ou, que, por outro lado, talvez sejam desenvolvidas no intuito da sobrevivência.

Os índices da violência contra a mulher no Brasil são alarmantes, mas, mesmo assim, chama a atenção o fato de que, no Brasil, inexistem pesquisas relacionadas às características de personalidade dessas mulheres que estejam catalogadas nos bancos de dados pesquisados. Apesar do pequeno número de estudos encontrados, eles trouxeram importantes considerações e contribuições, mas ainda é imperativa a necessidade de novas pesquisas que possibilitem o conhecimento acerca das características de personalidade das mulheres maltratadas por seus parceiros, podendo-se, assim, encontrar subsídios mais efetivos para a prevenção da violência doméstica contra a mulher e para intervenção junto às suas vítimas. Ficam assim aqui colocadas, mesmo que de forma esquemática, algumas contribuições que devem ser levadas em consideração, no futuro, para um melhor posicionamento científico ante esta questão de tão alta importância, diante da frequência com que se apresenta e das consequências que gera em suas vítimas e nas pessoas que as cercam.

Referências

- ADEODATO, V.G.; CARVALHO, R.R.; SIQUEIRA, V.R.; SOUZA, F.G.M. 2005. Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. *Revista de Saúde Pública*, 39(1):108-113. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102005000100014>
- AMARAL, C.; LETELIER, C.; GÓIS, I.; AQUINO, S. 2001. *Dores Visíveis: violência em delegacias da mulher no Nordeste*. Fortaleza, Edições EDOR/NEGIF/UFC, 95 p.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). 2003. *DSM IV R – Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre, Artes Médicas, 880 p.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). 2013. *DSM-V: The Future Manual*. Disponível em: <http://www.psych.org/MainMenu/Research/DSMIV/DSMV.aspx>. Acesso em: 28/09/2013.
- AMOR, P.J.; BOHÓRQUEZ, I.A. 2002. Repercusiones psicopatológicas de la violencia doméstica contra la mujer en función de las circunstancias del maltrato. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 2(2):227-246.
- ANASTASI, A.; URBINA, S. 2000. *Testagem Psicológica*. 7ª ed., Porto Alegre, Artmed, 575 p.

- BACK, S.M.; POST, R.D.; D'ARCY, G. 1982. A study of battered women in a psychiatric setting. *Women Therapy*, **1**(2):13-26.
http://dx.doi.org/10.1300/J015V01N02_03
- CAMPBELL, J.C. 2002. Health consequences of intimate partner violence. *The Lancet*, **359**(1):1331-1336.
[http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(02\)08336-8](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(02)08336-8)
- CHAN, K.L. 2004. Correlates of wife assault in Honk Kong Chinese families. *Violence and Victims*, **19**(1):189-201.
<http://dx.doi.org/10.1891/vivi.19.2.189.64104>
- COOLIDGE, F.L.; ANDERSON, L.W. 2002. Personality Profiles of Women in Multiple Abusive Relationships. *Journal of Family Violence*, **17**(2):117-131.
<http://dx.doi.org/10.1023/A:1015005400141>
- CONSELHO SOCIAL E ECONÔMICO DAS NAÇÕES UNIDAS. 1992. *Relatório do trabalho de grupo na violência contra a mulher*. Viena: Nações Unidas, 26 p.
- CUNHA, J.A. 2002. *Psicodiagnóstico-V*. Porto Alegre, Artmed, 677 p.
- DAHLBERG, L.L.; KRUG, E.G. 2003. La violencia, un problema mundial de salud pública. In: E.G. KRUG; L.L. DAHLBERG; J.A. MERCY; A.B. ZWI; R. LOZANO, *Informe Mundial sobre la violencia y la salud*. Washington, Organización Panamericana de la Salud, p. 2-23.
- DESLANDES, S.F.; GOMES, R.; SILVA, C.M.F.P. 2000. Caracterização dos casos de violência doméstica contra a mulher atendidos em dois hospitais públicos do Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, **16**(1):129-137.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2000000100013>
- ECHEBURÚA, E.; CORRAL, P. 2006. *Manual de Violencia Familiar*. Madrid, Siglo XXI, 213 p.
- EDWARDS, D.W.; SCOTT, C.L.; YARVIS, R.M.; PAIZIS, C.L.; PANIZZON, M.S. 2003. Impulsiveness, Impulsive Aggression, Personality Disorder, and Spousal Violence. *Violence and Victims*, **18**(1):3-14.
<http://dx.doi.org/10.1891/vivi.2003.18.1.3>
- ELLSBERG, M.; PEÑA, R.; HERRERA, A.; LILJESTRAND, J.; WINKVIST, A. 2000. Candies in hell: women's experience of violence in Nicaragua. *Social Science & Medicine*, **51**(11):1595-610.
[http://dx.doi.org/10.1016/S0277-9536\(00\)00056-3](http://dx.doi.org/10.1016/S0277-9536(00)00056-3)
- ESTRELLADO, A.F. 2010. Assessing the personality profile of battered women. *The Assessment Handbook*, **4**(1):58-76.
- EXNER, J.E.; SENDÍN, C. 1999. *Manual de Interpretación do Rorschach para o Sistema Compreensivo*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 219 p.
- GOLDENSON, J.; GEFFNER, R.; FOSTER, S.L.; CLIPSON, C.R. 2007. Female Domestic Violence Offenders: Their Attachment Security, Trauma Symptoms, and Personality Organization. *Violence and Victims*, **22**(5):532-545.
<http://dx.doi.org/10.1891/088667007782312186>
- GOMES, N.P.; GARCIA, T.C.S.; CONCEIÇÃO, C.R.; SAMPAIO, P.O.; ALMEIDA, V.C.; PAIXÃO, G.P.N. 2012. Violência conjugal: elementos que favorecem o reconhecimento do agravos. *Saúde em Debate*, **36**(1):514-522.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-11042012000400003>
- GONDOLF, E.W. 2003. MCMI Results for Batterers: Gondolf Replies to Dutton's Response. *Journal of Family Violence*, **18**(6):387-389.
<http://dx.doi.org/10.1023/A:1026247515800>
- HEISE, L.; GARCIA-MORENO, C. 2002. Violence by Intimate Partner. In: E.G. KRUG; L.L. DAHLBERG; J.A. MERCY; A.B. ZWI; R. LOZANO, *World Report on violence and health*. Geneva, World Health Organization, p. 87-113.
- HERNÁNDEZ, R.P.; BERNÁ, F.J.C.; GRAS, R.M. 2007. Depresión en mujeres maltratadas: Relaciones con estilos de personalidad, variables contextuales y de la situación de violencia. *Anales de Psicología*, **23**(1):118-124.
- HERU, A.M. 2007. Intimate partner violence: treating abuser and abused. *Advances in Psychiatric Treatment*, **13**(1):376-383.
<http://dx.doi.org/10.1192/apt.bp.107.003749>
- JOACHIM, J. 2000. Shaping the human rights agenda: the case of violence against women. In: M.K. MEYER; E. PRUGL (orgs.), *Gender politics in global governance*. Lanham, Rowmanand Little Field, p. 142-160.
- JONG, L.C. 2000. *Perfil epidemiológico da violência doméstica contra a mulher em cidade do interior paulista*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 106 p.
- KRONBAUER, J.F.D.; MENEGHEL, S.N. 2005. Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. *Revista de Saúde Pública*, **39**(5):695-701.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102005000500001>
- KRUG, E.G.; DAHLBERG, L.L.; MERCY, J.A.; ZWI, A.B.; LOZANO, R. 2003. La Violencia, Un Problema Mundial de Salud Pública. In: E.G. KRUG; L.L. DAHLBERG; J.A. MERCY; A.B. ZWI; R. LOZANO, *Informe Mundial Sobre la Violencia y la Salud*. Washington, Pan American Health Organization.
- LABRADOR, F.J.; RINCÓN, P.P.; LUIS, P.; FERNÁNDEZ-VELASCO, R. 2005. *Mujeres Víctimas de La Violencia Doméstica: Programa de Actuación*. Madrid, Prámede, 252 p.
- LEINER, A.S.; COMPTON, M.T.; HOURY, D.; KASLOW, N.J. 2008. Intimate partner violence, psychological distress, and suicidality: a path model using data from African American women seeking care in an urban emergency department. *Journal of Family Violence*, **23**(1):473-481.
<http://dx.doi.org/10.1007/s10896-008-9174-7>
- LORBER, M.F.; O'LEARY, K.D. 2004. Predictors of the persistence of male aggression in early marriage. *Journal of Family Violence*, **19**(6):329-338.
<http://dx.doi.org/10.1007/s10896-004-0678-5>
- MEADOWS, L.A.; KASLOW, N.J.; THOMPSON, M.P.; JURKOVIC, G.J. 2005. Protective factors against suicide attempt risk among African American women experiencing intimate partner violence. *American Journal of Community Psychology*, **36**(1/2):109-121.
<http://dx.doi.org/10.1007/s10464-005-6236-3>
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS).

2006. *Multi-country study on women's health and domestic violence*. Geneva, OMS, 46 p.
- PÉREZ-TESTOR, C.; CASTILLO, J.A.; DAVINS, M.; SALAMERO, M.; SAN-MARTINO, M. 2007. Personality profile in a group of battered women: Clinical and care implications. *Journal of Family Violence*, **22**(1):73-80.
<http://dx.doi.org/10.1007/s10896-006-9057-8>
- PICO-ALFONSO, M.A.; ECHEBURÚA, E.; MARTINEZ, M. 2008. Personality Disorder Symptoms in Women as a Result of Chronic Intimate Male Partner Violence. *Journal of Family Violence*, **23**(1):577-588.
<http://dx.doi.org/10.1007/s10896-008-9180-9>
- SÁ, S.D. 2011. *Características Sociodemográficas e de Personalidade de Mulheres Vítimas de Violência Doméstica*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 93 p.
- SANSONE, R.A.; REDDINGTON, A.; SKY, K.; WIEDERMAN, M.W. 2007. Borderline personality symptomatology and history of domestic violence among women in an internal medicine setting. *Violence and Victims*, **22**(1):120-126.
<http://dx.doi.org/10.1891/vv-v22i1a008>
- SCHRAIBER, L.B.; D'OLIVEIRA, A.F.L.P. 1999. Violência contra mulheres: interfaces com a saúde. *Interface – Comunidade, Saúde e Educação*, **5**(1):11-26.
- SCHRAIBER, L.B.; D'OLIVEIRA, A.F.P.L.; FRANÇA-JÚNIOR, I.; DINIZ, S.; PORTELLA, A.P.; LUDERMIR, A.B.; VALENÇA, O.; COUTO, M.T. 2007a. Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. *Revista de Saúde Pública*, **41**(5):797-807.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102007000500014>
- SCHARAIBER, L.B.; D'OLIVEIRA, A.F.P.L.; COUTO, M.T.; HANADA, H.; KISS, L.B.; DURAND, J.G.; PUCCIA, M.I.; ANDRADE, M.C. 2007b. Violência contra mulheres entre usuárias de serviços públicos de saúde da grande São Paulo. *Revista de Saúde Pública*, **41**(3):359-367.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102007000300006>
- SCHRAIBER, L.B.; D'OLIVEIRA, A.F. 2008. Romper com a violência contra a mulher: como lidar desde a perspectiva do campo da saúde. *Athena Digital*, **14**(1):229-236.
- SHARHABANI-ARZY, R.; AMIR, M.; SWISA, A. 2005. Self-criticism, dependency and posttraumatic stress disorder among a female group of help-seeking victims of domestic violence in Israel. *Personality and Individual Differences*, **38**(1):1231-1240.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2004.08.006>
- SOUZA, E.R.; REIS, A.C.; MALAQUIAS, J.V.; MINAYO, M.C.S. 2001. Morbi-mortalidade por causas violentas no Brasil, 1999. *Cadernos de Saúde Pública*, **33**(1):85-94. Disponível em: www.claves.fiocruz.br/boletim%203. Acesso em: 10/03/2013.
- SOUZA, E.R.; REIS, A.C.; MINAYO, M.C.S.; SANTANA, F.S.; MALAQUIAS, J.V. 2002. Padrão de Mortalidade por Homicídios no Brasil, 1980 a 2000. *Cadernos de Saúde Pública*, **19**(3):783-791. Disponível em: www.claves.fiocruz.br/cenepi.htm. Acesso em: 10/03/2013.
- TAVARES, D.M.C. 2000. *Violência doméstica: uma questão de saúde pública*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 106 p.
- WALKER, L.E. 1991. Post-traumatic stress disorder in women: Diagnosis and treatment of battered woman syndrome. *Psychotherapy*, **28**:21-29.
<http://dx.doi.org/10.1037/0033-3204.28.1.21>
- WATTS, C.; ZIMMERMAN, C. 2002. Violence against women: global scope and magnitude. *The Lancet*, **359**(9313):1232-1237.
[http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(02\)08221-1](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(02)08221-1)
- ZILBERMAN, M.L.; BLUME, S.B. 2005. Violência doméstica, abuso de álcool e substâncias psicoativas. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, **27**(2):51-55.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462005000600004>

Submetido: 30/04/2013

Aceito: 28/09/2013